



Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. na Tip. do «Correio da Horta»

EDITOR
Dr. Tomás da Rosa

ADMINISTRADOR
M. Gomes da Silva

REDACTORES
José Aica — António Soares
J. Sousa Melo — José Azevedo

Redacção e Administração
LICEU NACIONAL DA HORTA

Concurso Carneiro Pacheco

A Delegação da M. P. na Horta promove um concurso integrado nas comemorações de homenagem a Carneiro Pacheco, grande figura de patriotismo digna da admiração de todos os portugueses, e espírito orientado pelos mais elevados princípios morais e nacionalistas.

Da ordem de serviço afixada no Centro, transcrevemos o passo que diz respeito a este assunto:

«Que seja promovido entre os filiados do Centro Escolar N.º 1 da Ala da Horta um concurso literário visando a vida e a obra do Fundador da Organização Nacional da Mocidade Portuguesa, Doutor Carneiro Pacheco, cujo período comemorativo decorre de 11 do corrente mês de Abril a 10 de Janeiro próximo.

Os filiados concorrentes devem apresentar os seus trabalhos, assinados por divisa ou pseudónimo, nesta Delegação Distrital até ao dia 20 do próximo mês de Maio, fazendo-os acompanhar dum sobrescrito fechado no qual incluirão o seu nome, indicando no exterior desse mesmo sobrescrito o pseudónimo ou a divisa com que assinarem o seu trabalho, ano do curso liceal que frequentam e a idade.

Cada filiado poderá concorrer apenas com um trabalho e a todos os concorrentes será distribuída uma recordação. Aos melhores trabalhos apresentados serão ainda distribuídos prémios e menções honrosas de harmonia com as decisões do júri classificador.



Associando-se às homenagens que o País prestou a S. Ex.ª o Presidente do Conselho, o «Arauto» saúda Salazar com a maior confiança nos destinos da Pátria, que o Grande Português sempre tem sabido honrar e elevar com o seu pensamento orientador, sólido e são, inspirado nos eternos princípios.

Aspectos da Sociedade Portuguesa seiscentista no «Frei Luís de Sousa»

No século XVII, como Portugal dependesse da Espanha, a sociedade portuguesa sentia-se oprimida. As classes populares, para se consolarem na desgraça, limitavam-se à

Salão Provincial de Educação Estética da M. P.

Desde o dia 3 ao dia 10 do corrente mês encontrou-se aberto ao público o Salão Provincial de Educação Estética da M. P.

Neste Salão estiveram expostos muitos trabalhos executados pelos alunos do Centro Escolar n.º 1 do nosso Liceu, bem com outros dos filiados de todos os Centros Escolares Primários do nosso Distrito.

E' de louvar esta iniciativa do Sr. Dr. Manuel Alexandre Madruga, digno Delegado Distrital da M. P., de colaboração com a delegação da M. P. Feminina que, certamente, vem contribuir para o desenvolvimento dos trabalhos manuais e labores no meio escolar deste Distrito.

A exposição, instalada no Ginásio do nosso Liceu, foi solenemente inaugurada por Sua Ex.ª o Governador Substituto.

Poetas Portugueses do século XX

Mário de Sá-Carneiro

Nasceu em Lisboa no ano de 1890 e morreu em 1916 na cidade de Paris. Foi uma das figuras de maior relevo da sua geração: poeta intensamente subjectivo, de uma «megalomania egolátrica», foi grande sobretudo nas últimas produções, em que ri — chorando — da sua inútil existência de filho-família.

Em vida, não chegou a ser conhecido pelo público; no entanto foi admirado pelos que, no seu tempo e geração, se destacaram pelos seus méritos.

Era acima de tudo um esteta. De entre os seus livros citaremos: «Dispersão» e «Indícios de ouro», e em prosa, «A Confissão de Lúcio» e «Céu em fogo». Colaborou também em várias revistas; de entre elas podemos assinalar «Orfeu», que fez escândalo na época e foi considerado uma tentativa de renovação nas artes e nas letras.

Em 1946 saiu uma edição das suas obras completas.

José Gomes Ferreira

Nasceu no Porto em 1900. Além de poeta, é escritor e jornalista. Formou-se em Direito pela Universidade de Lisboa e foi consul de Portugal na Noruega.

Antes dos 20 anos, escreveu algumas composições musicais, entre elas o poema sinfónico «Idílio Rústico». Publicou também os livros de versos intitulados «Lírios do Monte» e «Longe».

Desde o seu regresso da Noruega, escreve para jornais e revistas, tem publicado alguns poemas em «Seara Nova», «Diabo», «Presença», «Ler», etc. Afirma-se um dos nossos maiores poetas contemporâneos em «Poesia» (I vol. 1948 e II vol. 1950) e em «Elétrico» (1957), e um grande escritor no livro de crónicas, «O Mundo dos Outros» (1950). É um poeta de combate, cujo tom áspero e sarcástico oculta uma sensibilidade vibrante e uma grande humanidade.

QUASE

Um pouco mais de sol — eu era brasa,
Um pouco mais de azul — eu era além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse aquém...

Assombro ou paz? Em vão... Tudo esvaído
Num baixo mar enganador de espuma;
E o grande sonho despertado em bruma,
O grande sonho — ó dor! — quase vivido...

Quase o amor, quase o triunfo e a chama,
Quase o princípio e o fim — quase a expansão...
Mas na minh'alma tudo se derrama...
Entanto nada foi só ilusão.

De tudo houve um começo... e tudo errou...
— Ai a dor de ser — quase, dor sem fim... —
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se lançou mas não voou...

Momentos de alma que desbaratei...
Templos onde nunca pus um altar...
Rios que perdi sem os levar ao mar...
Ansias que foram mas que não fixei...

Se me vagueio, encontro só indícios...
Ogivas para o sol — vejo-as cerradas;
E mãos de herói, sem fé, acobardadas,
Puseram grades sobre precipícios...

Num ímpeto difuso de quebranto,
Tudo encetei e nada possuí...
Hoje de mim, só resta o desencanto
Das coisas que beijei mas não vivi...

(Segue na 2.ª página)

Berços de ouro

Um berço eu fiz de cristal, doirado,
Com finas cambraias, rendas de pasmar,
Com colchão de penas, sedas e brocado,
Onde pus a vida para a embalar!

Quis adormecê-la, em sonhos enlevado,
Mostrei-lhe em cantigas fadas de encantar;
Mas nunca dormia... Eu fiquei cansado!
Porém louca esp'rança me fazia esperar!

Ai! Mas, certo dia, fogo endiabrado
Queimou-me esse berço: todo o meu cismar...
E eu fiquei no Mundo triste e desolado,
Com a vida nua, sem berço, a chorar!

Quando em sonhos vejo, sob um céu doirado,
O meu berço a arder — todo o meu penar,
Choro de amargura, louco, desesperado,
E acordo aos soluços deste meu sonhar!

Quantos berços de ouro, sobre este orbe irado,
Jazem feitos em cinzas à luz do luar;
Quanto fogo ardente se lançou malvado
Sobre berços lindos p'ra a vida embalar!

António Helder Melo da Silveira

crença esperançosa do «Sebastianismo».

Esta crença baseava-se nas profecias de um sapateiro, Gonçalo A nes, alcunhado Bandarra, que afirmou que D. Sebastião se conservava oculto numa ilha ignorada, donde voltaria numa manhã de nevoeiro numa galé para reclamar o trono aos espanhóis.

Representantes da mentalidade sebastianista são, na peça de Garret, D. Maria de Noronha, filha de Manuel de Sousa Coutinho e de D. Mada-

(Segue na 2.ª página)

Francisco Claudino

Aos vinte e sete dias do passado mês de Abril realizou-se o funeral de Francisco Claudino, antigo aluno deste Liceu.

Num acto de solidariedade, um grupo de amigos e colegas da inditosa vítima do desastre da Vista Alegre acompanhou o préstito fúnebre, conduzindo uma grinalda, como última homenagem.

Lamentando a triste ocorrência, o «Arauto» apresenta à família enlutada sentidas condolências.

JORNAL DA MOCIDADE -- PARA A MOCIDADE

Poetas Portugueses
do século XX

(Conclusão da 1.ª página)

Um pouco mais de sol — e fora brasa,
Um pouco mais de azul — e fora além,
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse aqui...

Sá Carneiro

XI

(Que vontade de esbofetear estas palmas
a meu lado nos Cafés e nos eléctricos,
a fingir Vida Acesa!)

Antes os mortos, hirtos, de pé, por dentro dos ciprestes
a beijarem a caveira da lua,
do que estes, do que estes
a nosso lado na rua.

São mortos sem cemitério,
mortos da Morte Arrefecida
— a que tiraram todo o mistério
para lhe chamarem vida.

XXXV

Debaixo
do desdém das palavras que te digo,
anda um capacho
com olhos de mendigo.

Por fóra, este orgulho
de gelar espadas...
(mas quando me mergulho,
cinzas ajoelhadas).

E ninguém repara,
ninguém suspeita
da minha verdadeira cara
em lágrimas desfeita.

Lágrimas que nem tu vês
— tão quentes debaixo da pele —
a tornarem mais fria esta altivez
de chicote cruel.

José Gomes Ferreira

Aspectos da Sociedade Portuguesa seiscentista

no "Frei Luís de Sousa"

(Conclusão da 1.ª página)

lena de Vilhena, e seu aio
Telmo Pais, que incutira no
espírito de Maria as esperan-
ças sebastianistas.

As classes cultas liam o
livro imortal de Camões,
«Os Lusíadas», o livro que,
cantando as glórias dos nos-
sos heróis, retratando a alma
dos Portugueses, era então e
continuam a ser o pinho da
imortalidade da nossa Pátria
entre as nações.

D. Madalena de Vilhena,
viuva de D. João de Portugal
e mulher de Manuel de Sou-
sa Coutinho, senhora culta
da época, grande patriota,
conservava a esperança no
culto de «Os Lusíadas», como
se verifica no início de peça.
O mesmo se diga Telmo e
Maria.

Foi uma grande parte a
leitura d'«Os Lusíadas» que
impulsionou com uma ra-
jada de heroísmo o movi-
mento patriótico que deu
origem à revolução de 1640.

Patriotas de acção tam-
bém os havia no século XVII.
Tal era Manuel de Sousa
Coutinho, ao incendiar o seu
próprio palácio para não
hospedar os governadores
espanhóis que fugiam de Lis-
boa assolada pela peste.

Outros patriotas além des-
te, engrandeceram o brio
dos portugueses com acções
que jamais serão esquecidas.
Todas estas personagens
são, pois, representativas de
de certos aspectos de uma
época. Há mais.

Florescia nesta altura o
movimento religioso con-
ventual.

O aparecimento de um ro-
meiro vindo da Palestina,
que declarou a Frei Jorge
de Sousa, ser D. João de
Portugal, levou Manuel de
Sousa a professar com sua
esposa D. Madalena de Vil-
hena, mostrando assim o
apreço com que naquela épo-
ca, mais do que hoje, se ti-
nha a vida religiosa.

Podemos, pois, concluir

Festas do
Espírito Santo

Começa o período tão dese-
jado destas festas tradicio-
nais nos Açores.

Sem perda de religiosidade
devida, constituem uma ma-
nifestação de costumes popu-
lares, tão do gosto da nossa
gente. A Religião não é iní-
miga da alegria. Mas, ciosa
da sua pureza, deve banir
dos festejos os elementos
profanos, quer estejam em
contradição com o significa-
do desta festividade. É o que
felizmente acontece. As al-
mas elevam-se, a alegria rei-
na nos espíritos e nas expan-
sões exteriores do povo. A
Juventude especial vê nos
festejos do Espírito Santo a
sua festa, a festa da sua casa
e do seu povo.

Cantina da Moridade

Na Cantina do Centro
Escolar n.º 1, do Liceu,
encontram-se à disposi-
ção dos alunos excelentes
pastas para estudante,
de cabedal, a preço aces-
sível.

O OURO

Ouro é uma palavra pro-
nunciada com tal calor, e
que suscita tais clarões de
cobiça nos olhos da huma-
nidade!...

E donde vem o vil metal?
Das profundezas da terra,
que os homens perfuram
com as suas máquinas, e que
ao senti-las se vingam deles,
sepultando-os muitas vezes
no seu interior.

Homens que partem dei-
xando mulher, filhos, tudo
em busca de riqueza em bus-
ca dum filão. E quando o
encontram pulam de alegria,
dão saltos e parecem doidos.

Pepita após pepita, vai
aparecendo o reluzente me-
tal, depois de tantas fadigas
e trabalho incessante no des-
filadeiro, no deserto ou na
montanha.

Os homens sempre cobi-
çaram o ouro.

Os gregos, os Romanos e
os Egípcios usaram-no co-
mo objectos de adorno e
de beleza. Mais tarde ele foi
descoberto, na Alemanha e
em outros países da Europa.

No século XVIII e XIX,
descobriram-se grandes fi-
lões nos Estados Unidos da
América do Norte. Aqui é
que a sua descoberta origi-
nou verdadeiros assaltos e
assassinios só por causa da
ambição.

O homem dizia-se civiliza-
do e civilizador e ainda era

que no «Frei Luís de Sousa»
sentimos um pouco da alma
portuguesa seiscentista.

Cristóvão Neves

4.º ANO - B

O CEGO
CONTO

Espraiando-se os seus raios
purpúreos no horizonte, o
Sol parecia convidar-nos ao
trabalho, parecia que nos
avisava do começo do dia
e nos roubava ao sono aco-
lhedor de nossas camas.

Levantei-me e abri de par
em par as janelas, para que o
Sol penetrasse no meu quar-
to sem nenhum obstáculo.

Olhei os campos verdejan-
tes, que se animavam de
gente que ia ao trabalho, e
ouvi o trinar dos passari-
nhos que vinham poisar ale-
gremente no parapeito da
janela como que a visitar-
me.

Fiquei durante alguns mi-
nutos extasiado com a bele-
za da paisagem que parecia
não ter fim.

Saí.

As ruas expostas ao Sol
escaldante exalavam um
calor que sufocava.

Caminhava a passo lento
quando a minha vista depa-
ra com um quadro deveras
enternecedor.

Um velho já idoso acari-
ciava a cabeça sedosa e loi-
ra da sua netinha, sentados
ambos à sombra de uma
árvore.

Não resisti. E fui falar ao
velho que parecia tão con-
tente por contemplar aquela
flor cheia de graça e mei-
guice.

— Bom dia, senhor.

— Bom dia, respondeu
ele, sem levantar a cabeça.

— A sua netinha é encan-
tadora. Que bonitos olhos
azuis emoldurados por ca-
belos tão dourados!

— Assim o dizem, replicou-
me o velho, com a alegria
estampada no rosto enrru-
gado pela idade.

E a conversa divergiu pa-
ra outros assuntos até que
fiquei silencioso admirando
as montanhas distantes por
onde o Sol se esgueirava.

— Bonito, dia, não é verda-
de? — observei.

— Não sei, pois para mi-
nha infelicidade sou cego.

— Cego?

— Cego sim. Cego para não
poder ver este anjo tão belo,
cego para não poder ver o
Sol e contemplar a paisa-
gem criada por Deus.

Dizendo isto, as lágrimas
desprenderam-se dos seus
olhos.

Pesaroso por ter feito com
que aquela cara antes cheia
de felicidade se transformas-
se em guarita da tristeza,
despedi-me e continuei o meu
passeio.

Durante o resto do dia ao
meu pensamento aflorou
diversas vezes aquele qua-
dro.

E o Sol descrevendo a sua
trajetória escondeu-se, dei-
xando-nos o silêncio da
noite.

A paisagem, antes tão
atraente e verde, torna-se
escura e triste, pois a noite
ocultou-a com o seu manto
negro.

Os passarinhos deixaram
os seus chilreios e os cam-
pos tornaram-se silenciosos.

A noite é triste, e quanto
mais triste não deve ser vi-
ver numa noite sem fim
com os olhos vedados às bele-
zas do dia? Quanto mais
triste não deve ser não po-
der ver a obra do Senhor?

E aquele velho era cego!

Manuel José Goulart Carrinho

José Azevedo

4.º ANO - C

4.º ANO - B

Mandar em nós

Deve parecer a algum lei-
tor, que tudo julgue pelas
aparências, que mandar em si
mesmo é coisa fácil. Penso
que não é tão fácil como
parece. Penso ainda que
muitos julgam mandar em si,
e afinal, vendo bem as coi-
sas, são joguetes da sua sen-
sibilidade.

Há no homem um aspecto
em que é comum ao irracio-
nal — é animal como ele. No
entanto, aplica-se-lhe, além

do nome animal, o adjetivo
«racional».

Acontece, todavia que, ou
por imperfeita formação da
nossa consciência, ou por um
deficiente esclarecimento da
nossa razão, ou, ainda, o que
é pior, por fraqueza da nos-
sa vontade, erramos na ac-
ção ou no pensamento, com-
metendo assim faltas mais
ou menos graves, cuja ava-
liação fazemos muito melhor

(Segue na 3.ª página)

Serviços Secretos

(Conclusão da 4.ª pág.)

de Ciências Naturais, conforme notícia já publicada no jornal «Arauto».

Desde a gaveta da secretária em cujos cantos, muita porcaria encontramos, até às mais microscópicas fendas, tudo foi revolido com a máxima consciência. Porém, no decorrer do nosso trabalho, somente deparámos com «lixo, porcaria... e nada mais».

Desanimados, já regressávamos à «base» quando sobre o pavineto nos chamou a atenção uma bolinha de papel meticulosamente preparada.

Mandar em nós

(Conclusão da 2.ª página)

nos outros do que em nós. Essas faltas não podem deixar de existir, uma vez que o homem não é perfeito.

Se o chefe é medíocre, não manda em si; pelo contrário é escravo do seu egoísmo.

Se tem interesse por melhorar o seu comando, pode ir longe pelo estudo pela acção na arte de comandar, mas enquanto quiser conciliar egoísmo e comando, nunca mais se poderá libertar, para infelicidade dos seus subordinados e da sociedade.

Para podermos mandar em nós e nos outros devemos vencer o egoísmo, segundo nos impõe a doutrina cristã.

Jesus Cristo focou de maneira magnífica, na sua mensagem de Paz, Liberdade e Amor, esta verdade, que é o segredo do autêntico progresso das Nações e da civilização: «Se vós permanecerdes na minha palavra sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade os libertará».

T. H.

Abrimo-la e dentro deparámos com o seguinte:

Ao sr. Manuel

«O' caloteiro afamado, paga o que deves, patife! Senão douto uma tarefa que te transformo num bife».

Tu tens por alta valia ferrar calotes à humanidade mas com a gente não brincas, intrusão de pouca idade.

Vê lá, pois, toma cautela, não repitas o brinquinho. Assim oferece e paga tudo isso com jeitinho».

Assinatura ilegível

Imediatamente os nossos peritos tornaram conta do curioso achado, dando início à resolução do problema.

Após longas horas de investigação, julgamos ter chegado às seguintes conclusões.

O sr. Manuel é aluno do referido sétimo ano e frequenta determinada explicação de física desde Outubro. Contudo, ao que consta, dos 6 meses de lição apenas pagou 2 e estes a grande custo. Daí a justa reclamação do «físico» explicador a quem a massa muita falta deve fazer.

Para concluir, confrange-nos ter de informar os leitores do caso que tratámos, pois é deveras lamentável que entre nós deambulem indivíduos com concepções pró-económicas tão elevadas.

José Funchinha

CONVITE

A redacção deste jornal foi incumbida de convidar duas meninas de qualquer Liceu dos Açores, para servirem de madrinhas a dois veteranos académicos, a fim de os confortarem no difícil transe dos próximos exames.

Para mais informações, é favor dirigirem-se à redacção deste jornal.

Há um Ano...

Quando acabava de imprimir-se o nos o jornal, estava a fazer um ano que esta ilha, com os terramotos que a abalaram na noite de 12 para 13 de Maio — que a Virgem de Fátima nos proteja sempre! — sofreu uma das maiores angústias da sua história, sem contudo se registar uma vítima.

No próximo domingo, festa de Espírito Santo, tão cara à religiosidade dos Açorianos, a Câmara Municipal vai mais uma vez cumprir o voto formulado em 1672, por ocasião da erupção vulcânica da Praia do Norte. Associamo-nos a essa cerimónia de tão alto significado.

Bondade e providência de Deus

Deus, esse ente superior a nós, que criou o céu e a terra, e todas as maravilhas que se encontram na natureza, é todo bondade e doçura.

Nunca se esquece de nós nas horas mais negras da nossa existência. Quando nos sentimos desamparados, fitamos os olhos Naquele que faleceu por nós numa cruz, que foi maltratado, escarnecido, traído, que sofreu os tormentos mais atrozes, só para que nós depois dos trabalhos desta vida, gozásemos um paraíso por toda a Eternidade.

Ele que se lembra sempre das azeitunhas dos campos, que não semeiam, nem colhem, mas apesar disso, Ele alimenta-as; e dos lírios do campo que não fiam, nem tecem e vestem-se com os vestidos mais belos, que se podem imaginar.

E a nós, que tantas vezes O ofendemos, perdoa-nos sempre, e tem para nós palavras que são o bálsamo para as nossas dores. Por tudo isto se vê que devemos ter muita confiança em Deus.

Natividade Capaz

3.º Ano

Encantos da Primavera

Como é linda a Primavera Cheia de poesia e amor, Passeiam então os pares, Num encanto todo ardor.

Primavera, Primavera Primavera tão formosa, Como ao passares por nós Fazes lembrar uma rosa.

Todos gostamos de ti, O' Primavera das flores, Porque vens toda repleta De perfumados amores.

As noites de Primavera São cheinhas de luar, E a lua numa onda branca Parece nos vem beijar.

Vens toda cheia de amores, O' airosa Primavera, Oxalá que os teus favores Não sejam uma quimera.

Maria Noémia M. Coelho
2.º Ano-A

O «ARAUTO»

pelo Desporto e pela Educação Física

Num jogo de Hoquei em Patins, o C. E. 1 venceu uma equipa de Externos por 4-1

Constituição das equipas:

C. E. 1 — Quaresma, Tomás, Garcia I, Garcia II e Porto.

Externos — Lima, Renato, Honorino, Helder Santos e Benjamim.

Marcha do resultado:

1.ª parte: 0-1 4m Honorino
1-1 10m Garcia I
2-1 14m Garcia II

2.ª parte: 1-0 5m Porto
2-0 16m Porto

No passado domingo, dia 10, realizou-se, no campo de desportos do Sporting C. H. um encontro de hoquei em patins entre o C. E. 1 e uma equipa de Externos.

Foi uma boa partida, jogando-se com correcção e com entusiasmo, desde o princípio a fim.

Venceram os nossos estudantes por 4-1, resultado que não era esperado por ninguém, pois os Externos possuíam um bom conjunto com bons elementos, entre os quais se

destacou Honorino, pela sua classe indiscutível.

Mas os nossos estudantes, dirigidos por Garcia I, conseguiram, devido à sua vontade e ao seu entusiasmo inquebrantável, obter um resultado bastante lisonjeiro, frente a adversários tão perigosos.

Dos Externos, como já assinalámos, distinguu-se Honorino; nos nossos estudantes, Garcia I e Quaresma foram os alicerces da equipa.

A arbitragem foi boa, facultada pela correcção dos jogadores.

Eis, mais uma prova, dos progressos que o Desporto do nosso Liceu, tendo «à cabeça» Barreiros como chefe da Secção Desportiva, está a atingir.

Oxalá que haja sempre a mesma vontade e o mesmo entusiasmo que até aqui houve, para que se vá sempre para além, afrontando, de cabeça erguida, todos os perigos que possam surgir. «A Bem do Desporto».

Um dia de sol

Ao amanhecer, ouve-se com alegria o canto entusiasmado dos pássaros, ao darem-nos a boa nova dum novo dia cheio de sol.

A chegada saudosa da luz é como um bálsamo que nos dá vida e saúde.

A paisagem toda se modifica. Os campos tornam-se mais verdejantes, as flores mais viçosas, e as moradias entre os arvoredos, com o sol, parece que brilham.

Entim tudo é vida! Até nós sentimos um bem estar só ao presenciar esta linda paisagem. Tudo é alegria para nós.

Parece que somos mais livres, para podermos também presenciar o mar sereno como um lago, a brilhar, quando o banham os raios ardentes do sol.

E desta cidade também vemos em frente o grande e majestoso Pico, que nos deslumbra com a sua grandeza.

E ao fim de vermos estas e tantas outras, maravilhas

que nos encantam, dá-nos vontade de dizer:

— Obrigado, meu Deus por tudo o que nos destes!

Natividade Capaz

PORTUGAL E O DESPORTO

..P....
..O....
...R....
...T....
...U....
...G....
...A....
...L....
...E....
...O....
...D....
...E....
...S....
...P....
...O....
...R....
...T....
...O....

Substitua os pontos por letras de modo a obter grupos portugueses de futebol.

Estudante!

Lê, assina e divulga

o «ARAUTO» — o

teu jornal.

509503

CINEMA OS DEZ MANDAMENTOS

(The Ten Commandments)

País de origem - E. U. A.

Distribuidor - PARAMOUNT

Duração - 3h 40m

Género - DRAMA BÍBLICO

Censura oficial - 12 anos

Realizador - CECIL B. DE MILLE

Principais intérpretes:

Charlton Heston, Yul Brynner,
Anne Baxter, Edward Robinson,
Yvonne de Carlo, Debra Paget
e Sir Cedric Hardwicke

ENREDO — Descreve a escravatura do povo hebreu no Egipto, no tempo dos faraós, e a sua libertação por meio de Moisés, enviado de Deus.

APRECIACÃO ESTÉTICA — Extraordinário despenho. Óptima realização. Filme de grande classe.

APRECIACÃO MORAL — O filme pretende ser uma afirmação de liberdade no Mundo de hoje, em grande parte escravizado pela tirania dos sem-Deus. Para todos.

São assim os Estudantes...

Concurso das 7 maravilhas do nosso Liceu

1.ª—A bandeira velha e rota, que nos dias de gala vem tomar ar.

2.ª—A cabra leiteira de um dos nossos contínuos, que às quartas e aos sábados é ordenhada pela malta.

3.ª—A santa vidinha dos nossos «câbulas».

4.ª—Os exercícios que alguns alunos apresentam.

5.ª—A república federal do nosso Centro em que todos os rapazes pretendem mandar e dar ordens.

6.ª—A confortável sala de fumo dentro do próprio Liceu.

7.ª—A atraente sala de espera, nos dias de sol, à entrada do Liceu — boa relva, bom panorama...

Avelino

Pequena conferência

Como já deve ser do conhecimento da maior parte dos nossos leitores (visto que a notícia do facto saiu na 4.ª página) em S. Miguel, no passado ano lectivo, determinado aluno do 6.º ano daquela cidade (e nosso conterrâneo) pronunciou, altas horas da manhã um eloquente discurso junto à estátua de Cabral. Por obra e graça... de um «amigo da onça», podemos hoje reproduzir a dita alocução:

«Senhores, não me vou alongar. Aliás, nem é mesmo meu intuito falar, mas demonstrar. Demonstrar que álcool é álcool e não convém disfarçá-lo de qualquer maneira que ele permanecerá álcool, com teor alcoólico e seus malefícios etilicos. Desde Noé, que tomou vinho numa comemoração de seu feito notável, até certo aniversário, o álcool tem sido tomado em suas diferentes formas e tem-se demonstrado perenemente prejudicial e maléfico. Tomemos, para exemplo, uma dose de «whisky». Bem, bem, como gosto confesso que este não é mau. Não pensem, que afirmo por ser um viciado ou tê-lo sido em qualquer tempo. Não, isto não. Mas para combater o mal é preciso conhecê-lo. Mas, vo-cês podem v-e-e-r o efeito imediato, digo, digo, imediato. Já não sou o mesmo homem, digo, hoemm. A língua já começa a empear, emperrar, as ideias já não saem mais tão cla-aras. Mas, vocês pensam que esse elevar de temperatura, tura, é só do «whisky»? Ah! Dêem-me uma dose de rum. Mais um pouquinho. Basta. Não é mau. Nacional? Estão já-a-zeeendo beem! Veem, vejam só: a mistura de dois tipos de álcoois, diferentes, então, é um desassassastre.

Lamentando

O Liceu está vivendo com grande emoção, vários engates. Agora é um simpático par, que pelos vistos está a «dian-tar-se» espantosamente. Ela é do 5.º Ano e ele um desconhecido dos corredores académicos. Mas lá vem a mãe de tesoura na mão e... menina para casa.

Pelos vistos ele teve muita sorte, de não ter ficado com o cabelo cortado.

Para facilitar o namoro, decidiram arranjar agora um belo carteiro.

Pegou

Num dos últimos jornais falámos por mera brincadeira no engate de um conhecido coicebolista. Pelos vistos a brincadeira pegou e por aí andam muito entusiasmados. Cuidado com os saltos que ele dá à Madalena!

Grande drama

O S.... — pobre rapaz — todos os dias sobe uma certa rua muito íngreme, só para falar com ela. Mas chega a meio da rua e desiste. Faz como na ginástica: Insiste! Insiste!

Mas ela vai a «setenta» à hora.

Esquerdo direito..

O que será isto? Ah! já sabemos. É o C. que queria já ser Tenente, mas é obrigado primeiro a aprender a marcar passo, porque sem isso nunca alcançará aquele alto posto. Pelos vistos ela não lhe liga nenhuma.

Precisamos de óculos

Outro dia avistámos um engraçado casal de estudantes, mas passámos trabalhos para ver quem era ele. Por fim sempre conseguimos ver o «Sete-Metros» com a sua nova cara-metade.

E' preciso que ele cresça mais um palmo ou então temos de comprar óculos de aumentar.

Hoquista

A rosa que se chama Lina está a treinar-se activamente para no Verão, poder representar o Fayal Sport em Ho-quei em Patins.

Não é má ideia, porque, depois de passar por tantos empregos, praticar um pouco de desporto não faz mal nenhum.

Será desta vez?

A rodagem do filme «Amor no dentista», há anos começado e que tem sido interrompido várias vezes em virtude de deficiências técnicas, vai ser recomeçada, segundo cremos, visto terem aparecido ultimamente juntos os actores: Mary Arly, Adey Mary, Fernandy Vergilly e Tominy Horthy.

Safa!

Houve uma menina do 4.º Ano-A que quando soube que um certo senhor do 3.º Ano se lhe ia declarar, ameaçou-o com uma «carga de pedradas».

Safa! Que perigosa!

Precaução

O Barcelos parece que não anda com muita vontade de estudar.

Há dias abeiramo-nos dele para sabermos o motivo de tal desinteresse.

Enfão ele disse-nos que lhe tinham dito que quem estudava muito, «queimava as pestanas», e havia ficado receoso não fosse queimar o bigode.

Em Foco

Um senhor natural de S. Miguel já encontrou novamento quem o quizesse atu-

rar. Houve uns boatos, de que ele andava atrás duma certa loura, mas é falso.

Ela não quis andar de «car-rinho», anda agora com o Antoninho.

Surpresa!

Que surpresa para nós quando encontramos o Barcelos com uma menina que pelos vistos, anda muito pela Secretaria. Verdadeiramente não esperávamos uma coisa destas, porque ela queria empregar-se na Secretaria do...

Lastimando

Na Semana Santa, o Figueira foi à missa para ver a miss. «Meias». Talvez nunca tenha lá estado, mas como ela foi...

Mas soubemos que se ele se tivesse declarado no Sábado tinha dito sim, mas como foi no Domingo...

Fizeste bem, o americano espera-te.

Fintas...

Valdemar tem a bola finta um finta dois, tenta finta o Guarda Redes, mas João atento bloqueia a bola.

Assim o J. que fez anos a 25 de Abril, esteve quase a festejar o seu aniversário condignamente.

Atenção

A Maria Helena, anda muito interessada em fixar residência na Terceira. Os cabos Milicianos da dita ilha tem uma planta... que elas caem como chuva.

Felizardos!?

Terminou?

Chegou-nos a triste notícia de que o Azevedo, já tinha deixado de «entreter» uma menina muito nossa conhecida. Já era tempo!

Procurando

Pedimos a todos os estudantes do nosso Liceu, que procurem um chocolate «Regina», porque não há maneira de o S. M. o procurar.

E' pena!...

Trovas

às Valquírias

Pacífica coexistência. Inconcebível mistério... Senão vejam que a ciência Já matou a paciência Na Escola do Magistério!... Esta coisa de escrever Piadas à nossa «Heroína». 'Inda vai dar que fazer E, até mesmo que roer A Princesa Marroquina!...

E' que a dita lingüareira, Pra que fique confirmada A afirmação da parceira. Traz bagagem na panela, A língua bem afiada... E o caso sai complicado No meio de tanta agitação — Até eu estive arriscado A vir de lá arranhado Ou de cabeça partida!...

Nunca vi tal reboliço Em dias de minha vida, Se me lembro 'inda m'ouriço... E quando sonho com isso, triste minh'alma perdida. Quando acordo assustado De tão grande «pesadeiro». Vejo-me todo enroscado De medo do gelado Debaixo do travesseiro!...

«Eis, senhores» mechirqueiros, Em que dá a espionagem Que vós fazeis prazenteiros — Matais a golpes certos A boa camaradagem... E se não fora bastante Lançais em feitos heróicos, Numa luta angustiante, Gigante contra gigante — Castelo contra «Marróicos»!

Inocência

M.A.M.M.

(Estudante)

Ao ler a tua declaração não sei o que senti.

Alegria, tristeza?

Alegria ao saber que me amavas, tristeza por saber que eras tão piegas.

Se quiseres agora, espera!

Serviços Secretos

Do nosso agente especial, José Funchinha, recebemos o relatório que a seguir publica-

Onde havia de ser?

Há anos, um estudante dirigiu-se ao gabinete médico, porque estava com dores de cabeça.

Depois de explicar ao Médico qual a sua doença este perguntou-lhe: «Onde é que tens dores de cabeça?». Talvez nos calcanhares sr. Doutor respondeu o doente.

mos. Antes, porém, queremos dar o nosso inteiro apoio à reclamação do prejudicado, pois parece impossível que no nosso liceu circulem indivíduos do calibre do «réu», Manuel P. Costa:

«Por denúncia de um elemento externo aos nossos serviços secretos de espionagem, fomos levados a passar uma vistoria à aula do 7.º Ano, vulgarmente conhecida pela turma da «Branca de Neve e os 7 anões» e a quem foi atribuído, no corrente ano de 1958-59, o prémio Nobel

(Segue na 3.ª p. 12/11)